

# UMA CONTRIBUIÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA: O GRUPO GUATAMBU DA UNESP ILHA SOLTEIRA (SP)

Nataly Freire de Oliveira<sup>1</sup>  
Letícia Macedo Pereira<sup>2</sup>  
Heytor Baldoino Bortolucci<sup>3</sup>  
Giovana Guerra Mariano<sup>4</sup>  
Antônio Lázaro Sant'Ana<sup>5</sup>

## Resumo

A extensão universitária é uma forma de retribuir à população o investimento feito para manter um ensino público de qualidade, compartilhando conhecimentos e beneficiando, ao mesmo tempo, segmentos sociais menos favorecidos e a formação dos discentes. Este trabalho objetivou refletir sobre as atividades realizadas pelo Guatambu – Grupo de Extensão e Pesquisa sobre Desenvolvimento Rural e Sustentabilidade da Unesp de Ilha Solteira (SP). A metodologia baseou-se no exame de relatórios, registros fotográficos e outros documentos do Grupo. O Guatambu foi criado em 2004 com o intuito de contribuir para formação técnica e organizacional das famílias do Assentamento Estrela da Ilha, situado em Ilha Solteira, bem como para ampliar o conhecimento dos alunos sobre agricultura familiar e assentamentos rurais. A equipe, interdisciplinar, varia, ao longo de cada ano, de 15 a 20 membros, sendo a grande maioria alunos voluntários, além de dois bolsistas e dois professores que orientam as atividades práticas, organizam grupo de estudo e encontros semanais para planejamento e avaliação das ações. O Guatambu atua sob a perspectiva holística e de uma extensão rural dialógica, e estimula a transição agroecológica para diminuir a dependência dos agricultores de pacotes tecnológicos, mas sempre respeitando as decisões das famílias. As atividades no referido Assentamento incluem visitas aos lotes para diagnóstico, oficinas, mutirões e outros métodos com temas diversos ligados às práticas de base ecológica, aos sistemas agroflorestais e à agregação de valor. O Guatambu tem possibilitado a troca de saberes entre o conhecimento científico da Universidade e as experiências vividas pelos produtores, aspecto enriquecedor para a formação dos estudantes envolvidos.

**Palavras-chave:** Extensão Rural, Agroecologia, Troca de Saberes, Interdisciplinaridade, Assentamento Rural

## Introdução

O conceito de extensão rural já foi modificado e ampliado ao passar dos anos, em sua acepção clássica (difusionista) é definido como o ato de transmitir o conhecimento ao público rural, sendo considerado um processo educativo de comunicação de diversos tipos de conhecimentos (PEIXOTO, 2008). Nessa concepção consiste na utilização um conjunto de metodologias, visando atender os vários tipos de necessidade dos produtores rurais, fornecendo a capacitação e informações sobre o uso mais adequado e eficiente dos recursos, assim como, as tecnologias disponíveis e que estão ao seu alcance.

Em 2010, foi aprovada a Lei nº 12.188/2010 que estabelece a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural - PNATER, na qual são definidas as diretrizes básicas que o trabalho de extensão rural público deve seguir. Neste caso a Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) é definida como “um serviço de educação não formal, de caráter continuado, no meio rural, que promove processos de gestão, produção, beneficiamento e comercialização das atividades e dos serviços agropecuários e não agropecuários, inclusive das atividades agroextrativistas, florestais e artesanais” (BRASIL, 2010).

A diferença da concepção difusionista e a PNATER é que esta, além de visar o fortalecimento da agricultura familiar, valoriza o compartilhamento de conhecimentos técnicos entre a ciência e o saber empírico e tradicional e, em termos de perspectiva metodológica, busca estabelecer relações dialógicas e horizontais entre os técnicos e os agricultores (BRASIL, 2010).

A edição desta Lei, embora com alguns recuos em relação à versão anterior, estabelecida em 2003, como a exclusão da referência à agroecologia, representou uma conquista importante dos segmentos sociais que defendem uma extensão rural crítica e que atue como uma ferramenta para o desenvolvimento rural sustentável, em bases locais. Esta perspectiva dialógica e crítica está fundamentada nas ideias de Paulo Freire (FREIRE, 2001), Bordenave e Pereira (1998) e busca refletir sobre questões mais recentes colocadas por Caporal e Costabeber (2004), Diesel e Dias (2010) e Diesel et al. (2012), entre outros.

Em relação ao ensino de extensão rural na universidade, Callou et al. (2008) reconhecem o que o esforço de romper com o velho e instaurar o novo, trouxe avanços consideráveis - seja na formação do perfil do profissional ao extensionista, seja na tentativa de aproximação do saber científico ao saber popular - mas persistem no ensino e nas atividades de extensão rural forte caráter tecnicista, individualista e não problematizador da disciplina, criticado pela concepção de Freire e Bordenave. Para a formação dos alunos, entendemos que além das discussões no âmbito da disciplina é importante que o discente tenha contato direto no campo com os agricultores familiares, de forma continuada, para consolidar os conceitos tratados em aula.

É evidente a grande importância das ações de extensão rural, devido a troca de informações com os agricultores familiares, com o objetivo de desenvolver e ampliar a formação técnico-científica dos produtores, ao mesmo tempo que a experiência destes contribui para aperfeiçoar a abordagem científica, por meio de metodologias que propicie a interação e compartilhamento de ideias e saberes técnicos, como visitas técnicas, reuniões, oficinas, unidades demonstrativas e outras ações.

Segundo Fernandes et al. (2012), as atividades que envolvem a extensão universitária podem proporcionar melhorias na qualidade de vida das pessoas integrando discentes e docentes com a comunidade, além de gerar uma troca de conhecimentos e experiências que contribuem para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de projetos, pesquisas e políticas públicas que envolvam estes setores.

A discussão em torno das características do contexto que envolve o trabalho de extensão rural também é um aspecto fundamental. Com relação aos modelos de produção agrícola, as estratégias convencionais de desenvolvimento, baseadas no pacote tecnológico da Revolução Verde, não têm se mostrado adequadas, pois geraram maior desigualdade e exclusão social, além de crescentes danos ao meio ambiente (CAPORAL; COSTABEBER, 2001).

Os diversos impactos ambientais e sociais provocados pela modernização agropecuária convencional estimulou a busca por modelos alternativos de desenvolvimento e produção agropecuária, de forma sustentável (CAPORAL; COSTABEBER, 2004). Uma das propostas capaz

de abrigar as diversas manifestações de formas alternativas de produção agropecuária, associando-as a outras dimensões, como a social, cultural e ética é a Agroecologia, pois busca propiciar um manejo apropriado das características do ambiente, de modo a reduzir ao mínimo os impactos ou mesmo ampliar a disponibilidade dos recursos naturais e, conseqüentemente, levando à menor dependência (ou eliminação desta) dos agricultores em relação a insumos externos para a produção.

Para Caporal et al. (2009) a agroecologia contribui para redirecionar o curso da coevolução social e ecológica em suas diversas interrelações, além de conscientizar a população para um manejo ecológico dos recursos naturais, compreendendo de forma abrangente os agroecossistemas. A transição ecológica permite aos produtores combinar suas experiências com os conceitos e práticas agroecológicas, gerando uma produção sustentável e que atenda as limitações do ambiente no qual estão inseridos.

Portanto, para a evolução do conhecimento agroecológico é necessário o fortalecimento das relações entre extensionistas e agricultores familiares, de maneira a estimular uma reflexão sobre o meio, para a partir disso gerar novas experiências e ideias, investindo em metodologias participativas (CARVALHO, et al., 2008).

O objetivo deste trabalho é discutir as atividades desenvolvidas pelo Guatambu - Grupo de Extensão e Pesquisa sobre Desenvolvimento Rural e Sustentabilidade da Unesp Ilha Solteira (SP) que visam contribuir para a formação técnica e organizacional das famílias dos assentamentos de Ilha Solteira, ao mesmo tempo que propicia aos alunos da Unesp uma experiência de extensão rural junto aos agricultores familiares.

## **Contexto e metodologia**

O Guatambu, formado por alunos de graduação em engenharia agrônoma, zootecnia, ciências biológicas, de pós-graduação em agronomia, além de outros colaboradores (profissionais e estudantes de outros cursos), foi criado em 2004 com o intuito de desenvolver ações reflexões que contribuíssem com a formação técnica e organizacional das famílias, inicialmente acampadas e depois assentadas de Ilha Solteira, especialmente no Assentamento Estrela da Ilha (mas também com algumas atividades envolvendo o outro assentamento localizado em Ilha Solteira, o Santa Maria da Lagoa). Ao longo do tempo o trabalho abrangeu a co-formação (de estudantes e agricultores) em relação a aspectos da produção e comercialização agropecuária, questões ambientais e de gestão da unidade familiar, com prioridade para processos de formação voltados à perspectiva da transição agroecológica. A partir de 2005 sempre contou com algum tipo de auxílio da Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex) da Unesp, na forma de bolsa para alunos e pequeno recurso para custeio das atividades (especialmente combustível para deslocamento da equipe até aos assentamentos).

Em 2014, o Guatambu coordenou as atividades dos Núcleos de Extensão e Pesquisa em Desenvolvimento Territorial (NEDETs) da Unesp Ilha Solteira, que abrangeu ações de assessoria aos Colegiados dos Territórios Prof. Cory/Andradina e Noroeste Paulista, mas devido a amplitude e complexidade deste trabalho, o mesmo não será tratado no presente artigo. Por ser um Grupo que envolve extensão, pesquisa e ensino, algumas atividades realizadas possuem uma interface com mais de uma destas dimensões.

Além da revisão bibliográfica referente à temática, a metodologia baseou-se na experiência de participação dos autores enquanto membros do Guatambu, no exame de relatórios dos projetos, registros escritos e fotográficos das atividades realizadas e outros documentos do Grupo, especialmente do período referente aos últimos cinco anos (a partir de 2014), já que outros trabalhos trataram do período anterior.

## **Resultados e Discussão**

O Guatambu - Grupo de Extensão e Pesquisa em Desenvolvimento Rural e Sustentabilidade, desde 2004, tem buscado manter uma conexão entre ensino, pesquisa e extensão na Unesp, Câmpus de Ilha Solteira, como demonstram suas atividades e os resultados alcançados nesse período de atuação.

Os produtores assentados, tanto do Estrela da Ilha, como do Santa Maria da Lagoa, de modo predominante, possuem baixa escolaridade e parte significativa deles tinha pouca experiência de trabalho agropecuário, antes de entrar no lote (MODENESE et al., 2010). A principal atividade desenvolvida nos assentamentos da região é a pecuária de leite, mas nos últimos anos aumentou de forma expressiva o número de famílias que buscaram diversificar a produção, com destaque para a produção de olerícolas, visando a comercialização com os mercados criados a partir de programas que regulam as compras públicas diretas da agricultura familiar, especialmente o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) (SANTOS et al., 2015), embora a partir das mudanças políticas em 2016, este Programa tenha sofrido um corte de recursos muito expressivo, o que levou a sua descontinuidade na quase totalidade dos assentamentos da região (Território Prof. Cory/Andradina).

A concepção teórica que orienta as ações metodológicas do Projeto é de que a extensão constitui-se em um processo educativo na perspectiva crítica, baseado na comunicação, e não a mera transferência de conteúdos técnicos (FREIRE, 2001; BORDENAVE; PEREIRA, 1998). As atividades do Projeto buscam estabelecer um diálogo entre os objetivos das famílias e as proposições técnicas e de gestão discutidas pela equipe que compõe o Projeto. Também as definições no interior do Grupo Guatambu são tomadas a partir do debate de ideias e com participação de todos membros.

Além das reuniões de planejamento e organização do trabalho da equipe do Projeto, as ações de extensão têm seguido duas linhas complementares. Uma dessas linhas consiste no acompanhamento, por meio de visitas regulares, mutirões e oficinas para acompanhar as atividades desenvolvidas pelos agricultores(as), especialmente nos estabelecimentos rurais em que se visa a criação de Unidades Demonstrativas de Transição Agroecológica, ligadas à olericultura e aos sistemas agroflorestais (SAFs) complexos, mas também em outros lotes que trabalham com pecuária de leite, pequenos animais ou outros tipos de atividade. A outra linha atua na realização de palestras, cursos e oficinas com demonstrações práticas e/ou apoio à agregação de valor via processamento dos alimentos e à comercialização, de acordo com as demandas das famílias e grupos.

Para a realização das atividades com os agricultores rurais inicialmente realiza-se uma visita prévia para observação do estabelecimento rural, conhecer quais as atividades desenvolvidas e assim dialogar com o produtor(a) para entender suas demandas e necessidades. A partir de reuniões de planejamento e grupos de estudos são discutidos entre os estudantes e professores as alternativas de abordagens a serem feitas, sempre do ponto de vista da transição agroecológica, de modo que possa fazer uma ligação entre a experiência dos produtores para a decisão do que será proposto para a área e o conhecimento técnico dos alunos, utilizando os recursos disponíveis naquele momento.

Em seguida será realizado um relato das principais atividades desenvolvidas pelo Guatambu nos últimos cinco anos.

Entre 2013 e 2014 o Guatambu realizou uma pesquisa em todos lotes (em alguns não foi possível encontrar a família e não ocorreu retorno ao local se não havia sinais de plantio de hortaliças) do Assentamento Estrela da Ilha que cultivavam, ou haviam cultivado no último ano, olerícolas, seja para o autoconsumo ou para comercialização. No total foram encontrados 84 produtores, pois nessa época vários grupos de entrega ao PAA estavam ativos, especialmente via associações de produtores (SANTOS et al., 2015). Esta pesquisa resultou na instalação de unidades demonstrativas de cultivo de hortaliças nos anos posteriores, além da publicação de trabalhos científicos.

No segundo semestre de 2014 as atividades do Grupo perderam um pouco de intensidade, em função do longo período de greve na Universidade e do rearranjo do calendário escolar, mas aproveitou-se este período para digitalizar e tabular os dados do questionário.

Este trabalho de organização e análise dos dados do questionário sobre o cultivo de olerícolas, propiciou, em 2015, a publicação de um artigo em um evento de âmbito nacional, a Jornada de Estudos em Assentamentos, realizado na Feagri/Unicamp, em Campinas (SP). Também neste mesmo ano, o trabalho apresentado pelo bolsista no Congresso de Extensão Universitária da Unesp, que tratava das características dos produtores, da produção e da extensão rural no Assentamento Estrela da Ilha, foi um dos premiados na categoria “Trabalhos de extensão que transformaram a realidade da

comunidade externa”. Além disso, em 2015, foi um ano rico em atividades de âmbito mais geral, pois contava-se, na época com recursos do Projeto NEDETs, o que propiciou a participação de integrantes do grupo e agricultores em palestras sobre políticas públicas (PAA, PNAE e PPAIS), ministradas por dois professores da Unesp de Presidente Prudente; e na Conferência da Juventude Rural dos Territórios Prof. Cory/Andradina e Noroeste Paulista.

Com objetivo de formação política mais ampla dos discentes, integrantes do Guatambu e de outro grupo de extensão, o Grupo de Agroecologia de Ilha Solteira (GAISA), organizaram o curso “Como funciona a sociedade”. Para a formação dos alunos e também dos agricultores do Assentamento Estrela da Ilha, em função do crescimento do cultivo de olerícolas, foi realizada uma oficina, ministrada pela professora Dra. Regina Canesin, na época colaboradora do Guatambu, sobre “Prevenção e Controle Alternativo de Pragas e Doenças em Hortaliças”. Para ser distribuído na referida oficina, o Grupo elaborou um material de orientação aos agricultores sobre reconhecimento e formas de controle alternativo (sem agrotóxicos) de pragas e doenças mais comuns em olerícolas na região.

**Figura 2.** Oficina prévia de preparação dos integrantes do Guatambu para a realização da Oficina de Prevenção e controle de pragas e doenças em hortaliças, realizada na área do “Pomar” da Unesp, Ilha Solteira, 2017.



Fonte: Guatambu, 2017.

Em 2016 foi realizada a seleção inicial de lotes para a implantação de áreas demonstrativas de cultivo de olerícolas em sistema de transição agroecológica. Uma destas unidades, instalada em um lote do Assentamento Estrela da Ilha, testou o cultivo de alface e coentro em consórcio, em função de serem plantas companheiras. Este trabalho teve como um dos produtos, o trabalho de conclusão de curso de um dos integrantes do Guatambu, do curso de engenharia agrônoma, sendo que o trabalho foi apresentado em 2017. Também, neste ano, integrantes do Guatambu participaram de um curso sobre plantas alimentícias não convencionais (PANCs), ministrado por uma agricultora e um agricultor, com a participação de pesquisadores da Escola Técnica Estadual (Etec) de Andradina e da APTA do Extremo Noroeste Paulista. Com apoio do NEDETs foi realizada uma palestra, ministrada por um professor de Santa Catarina, para os agricultores e comunidade da Unesp sobre cooperativas descentralizadas, em função desta forma de organização ser uma alternativa para a agricultura familiar e assentamentos rurais. Além disso, diversos membros do Guatambu participaram e apresentaram

trabalhos referentes às atividades do Grupo no VII Simpósio sobre Assentamentos e Questões Rurais, realizado na Uniara, em Araraquara (SP).

O Guatambu apoiou a equipe dos NEDETs na realização do Seminário “Caminhos para a construção de agroecossistemas sustentáveis para a agricultura familiar”, realizado em abril de 2017, em Andradina, e que contou com grande participação de agricultores e estudantes de toda a região. O Grupo também colaborou com o GAISA na instalação de unidade demonstrativa de Sistema Agroflorestal em um lote do Assentamento Estrela da Ilha. Ainda neste mesmo ano, tentou-se uma articulação com outro assentamento de Ilha Solteira, o Santa Maria da Lagoa com realização de uma reunião com produtores de uma das associações daquele Assentamento, com o objetivo de discutir estratégias de comercialização e de diversificação das atividades; e posteriormente organizou-se uma visita a uma agroindústria que processa o urucum na cidade de Tupi Paulista (SP). Mas a desativação do PAA dificultou a continuidade das atividades. Em julho de 2017, o Guatambu marcou presença no III Seminário de Agricultura Orgânica do território Noroeste Paulista, com a apresentação de um pôster com as atividades do Grupo.

No interior do Guatambu foi constituído um grupo de estudos sobre agroecologia para dar suporte às atividades que a equipe pretendia incrementar. Além da discussão sobre os princípios da Agroecologia, foram realizados debates sobre temas específicos, como o manejo do solo e a técnica da compostagem. Em dezembro de 2017 o Grupo realizou uma oficina de demonstração prática da compostagem em um lote do assentamento Estrela da Ilha, com membros do Grupo e agricultores convidados, no local onde está se iniciando a instalação de uma unidade demonstrativa de SAF complexo, que deverá ter grande diversidade de culturas. Para esta atividade da compostagem, o Grupo elaborou o folheto com as instruções sobre a prática. O SAF neste lote está em fase inicial (Figura 2), sendo que a produtora já tinha realizado o plantio de várias árvores nativas e algumas frutíferas, e atualmente encontra-se em elaboração o desenho do sistema agroflorestal, em conjunto com os agricultores.

**Figura 2.** Árvores nativas, em estágio inicial de desenvolvimento, em área inicial de instalação de Sistema Agroflorestal em lote do Assentamento Estrela da Ilha, janeiro de 2018.



Fonte: Guatambu, 2018.

Dentre as dificuldades encontradas no período destacam-se os poucos recursos disponíveis para realizar as atividades (variou de R\$400,00 a R\$1.500,00 anuais para custeio) e a concessão de uma bolsa de extensão de 2014 a 2016, e duas bolsas em 2017 e 2018, pela Pró-Reitoria de Extensão da Unesp, enquanto o Guatambu contou, em média com a participação de 15 estudantes de graduação e pós-graduação no período. As bolsas são concedidas iniciam-se somente no mês de março e terminam em dezembro, e mesmo com boa vontade dos participantes voluntários e bolsistas, em

alguns anos levou a uma diminuição ou mesmo descontinuidade de algumas ações no período das férias escolares.

Algumas características do Assentamento Estrela da Ilha e das famílias lá assentadas também impõem algumas dificuldades para um trabalho de acordo com a proposta de extensão que o Guatambu tem o propósito de realizar, especialmente o trabalho com participação de grupos de agricultores. O Assentamento já teve várias associações de produtores, mas com pouca interação ou mesmo com predominância de rivalidade entre as mesmas, o que resulta em barreiras para a realização de atividades mais articuladas. Várias famílias dependem de trabalho complementar externo ao lote e, na maioria dos casos, o trabalho de extensão fica restrito a um ou dois membros da família. Estas questões e a opção por trabalhar processos de transição agroecológica tem restringido a abrangência do trabalho de extensão, já que parte dos agricultores estão presos aos sistemas convencionais de produção.

Os alunos da Unesp possuem uma carga horária bastante intensa, além de atividades de pesquisa e estudo, o que resulta em pouca disponibilidade para realização das atividades de extensão. A parte de campo ocorre geralmente aos sábados de manhã, único horário que se consegue reunir maior número de alunos, mas neste dia a Unesp, via de regra, não disponibiliza motorista, o que dificulta o deslocamento até aos assentamentos.

Apesar destas restrições, é inegável a importância, para a formação dos discentes, deste contato mais próximo com os agricultores familiares, o que lhes tem propiciado o aprendizado de metodologias de extensão rural e a troca de diferentes tipos de conhecimentos, por meio do diálogo e do respeito às condições socioeconômicas e culturais das famílias assentadas.

### **Considerações finais**

A atuação do Grupo Guatambu, em seu conjunto, tem possibilitado a troca de saberes entre o conhecimento científico da Universidade e as experiências vividas pelos agricultores familiares assentados, um aspecto importante tanto para os agricultores com quais se tem trabalhado, como é muito enriquecedor para a formação dos estudantes envolvidos.

Ao optar pela vertente da transição agroecológica, mas respeitando a vontade das famílias, o Guatambu busca contribuir para que estes desenvolvam sistemas produtivos diversificados e sustentáveis, com menor uso (ou eliminação) de insumos industriais que geram dependência de recursos externos.

Entre os alunos é unânime que as experiências trazidas pelo trabalho do Guatambu contribuem na formação técnica e pessoal de forma positiva. Por meio das atividades realizadas tem sido possível ampliar o conhecimento teórico visto em sala de aula e aplicá-lo em campo, além de mostrar aos estudantes as condições efetivas do trabalho de extensionista e o quão importante é entender a visão dos agricultores e saber dialogar com eles. Outro ponto a ser considerado é a aproximação de temas ligados a agroecologia entre os alunos, visto que dentro do currículo escolar da universidade quase não há discussões de questões desse tipo.

### **REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária - PNATER e o Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária – PRONATER.** Brasília: MDA, 2010.

CALLOU, A. B. F.; PIRES, M. L.; LEITÃO, M. R. F. A.; TAUKE SANTOS, M. S. O estado da arte do ensino de extensão rural no Brasil: relatório de pesquisa. **Revista Extensão Rural**, Santa Maria (RS) – UFSM, Ano XV, n. 16, 2008.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectiva para uma nova extensão rural.** Porto Alegre (RS): EMATER/RS, 2001, 36p.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e extensão rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável.** Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CAPORAL, F. R. et al. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis.** Brasília: MDA/SAF, 2009. Disponível em: <[http://simposio.cpac.embrapa.br/simposio%20em%20pc210%20\(Pc210\)/projeto/palestras/capitulo\\_29.pdf](http://simposio.cpac.embrapa.br/simposio%20em%20pc210%20(Pc210)/projeto/palestras/capitulo_29.pdf)>. Acesso em 24 Maio 2018.

CARVALHO, M. A. T. et al. **Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável–Mexpar.** 2008. Disponível em: <[http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4180/1/FPF\\_PTPF\\_01\\_0837.pdf](http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4180/1/FPF_PTPF_01_0837.pdf)>. Acesso em 24 Maio 2018.

DIESEL, V.; DIAS, M. M. Fundamentos teóricos-metodológicos da extensão rural – quais fundamentos? In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ENSINO DE EXTENSÃO RURAL, 2., 2010, Santa Maria. **Anais eletrônicos...** Santa Maria: UFSM, 2010, p. 1-12.

DIESEL, V.; NEUMANN, P.S.; SÁ, V. C. (Org.) **Extensão rural no contexto do pluralismo institucional.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2012. 352p.

FERNANDES, M. C. et al. Universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas. **Educ Rev** (Belo Horizonte), v. 28, n. 4, p. 169-94, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v28n4/07.pdf>>. Acesso em 24 Maio 2018.

MODENESE, V. S.; SANT'ANA, A. L.; FELICIANO, M. E.; RIGONATO, L. C.; SILVA, F. C. Assentamento Estrela da Ilha/SP: perfil dos produtores e características da produção e comercialização In: IV SIMPÓSIO SOBRE REFORMA AGRÁRIA E ASSENTAMENTOS RURAIS, 2010, Araraquara. **Anais do IV Simpósio sobre Reforma Agrária e Assentamentos Rurais.** Araraquara: Uniara, 2010. Cd-Room. p.01 - 12

PEIXOTO, M. **Extensão rural no Brasil: uma abordagem histórica da legislação.** 2008. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/136891>>. Acesso em 24 Maio 2018.

RODRIGUES, A. L. L. et al. Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT**, v. 1, n. 2, p. 141-148, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernohumanas/article/viewFile/494/254>>. Acesso em 24 Maio 2018.

SANTOS, T. B. O.; SANT'ANA, A. L.; GONCALVES, L. T.; MODENESE, V. S.; SONODA, R. Y. O cultivo de olerícolas no Assentamento Estrela da Ilha, em Ilha Solteira (SP): características da produção In: VII JORNADA DE ESTUDOS EM ASSENTAMENTOS RURAIS, 2015, Campinas



(SP). **Anais da VII Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais**. Campinas (SP): Feagri/Unicamp, 2015. p.01 – 12.